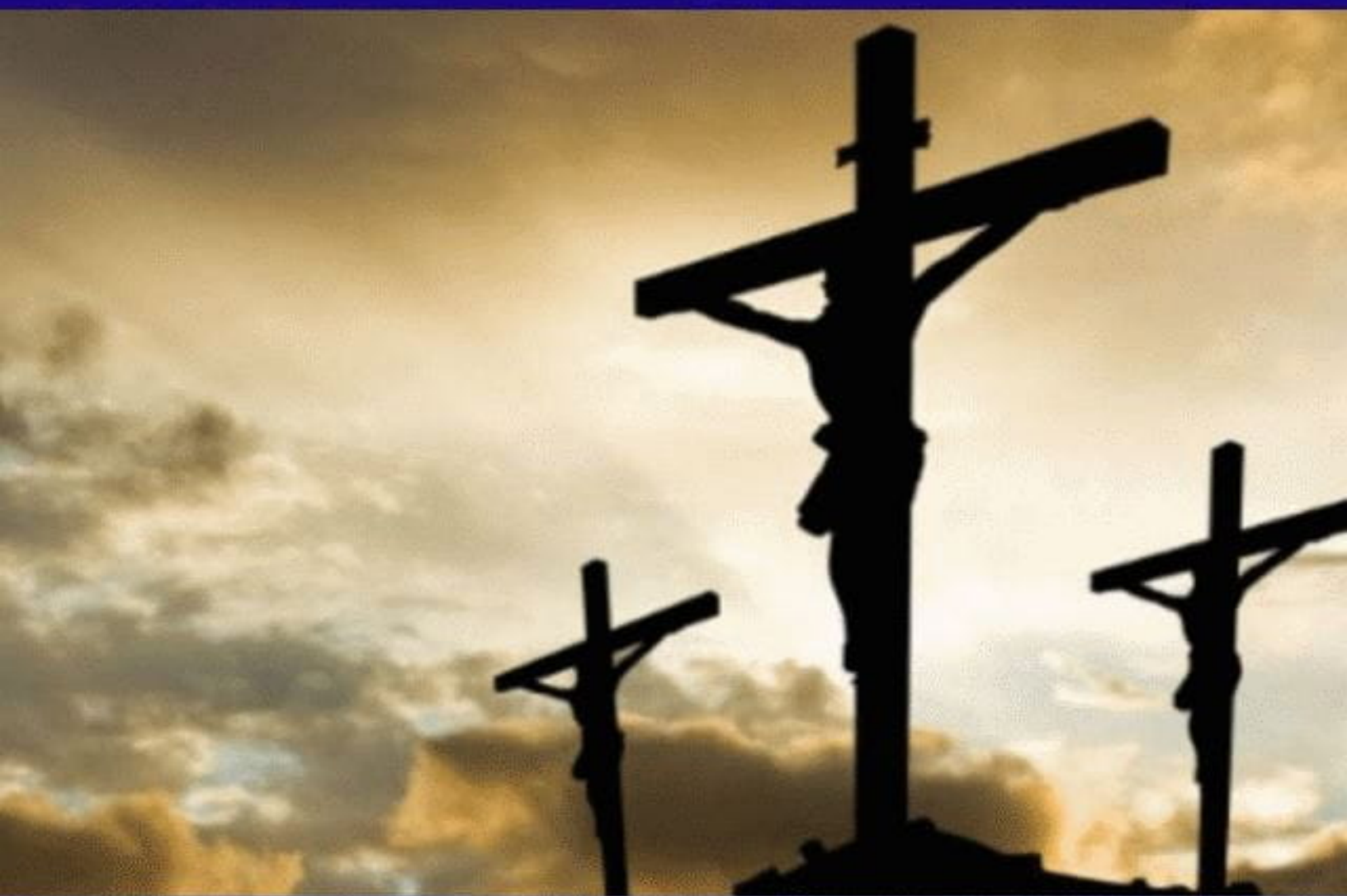


MEDITAÇÕES
SEMANA SANTA



EDITADO POR 

**MEDITAÇÕES
SEMANA SANTA**

FONTE DOS TEXTOS

opusdei.org/pt-pt

IMAGEM DA CAPA

diocesanocaruaru

Meditações Semana Santa

1. Domingo de Ramos
2. Segunda-feira Santa
3. Terça-feira Santa
4. Quarta-feira Santa
5. Quinta-feira Santa
6. Sexta-feira Santa
7. Sábado Santo
8. Domingo de Páscoa

Domingo de Ramos

Reflexão para meditar no Domingo de Ramos na Paixão do Senhor. Os temas propostos são: a entrada do Senhor em Jerusalém; o burrinho está mais perto de Jesus; compreender a lógica do reinado divino.

Sumário

- A entrada do Senhor em Jerusalém.
- O burrinho está mais perto de Jesus.
- Compreender a lógica do reinado divino.

O SENHOR ENTRA em Jerusalém. Aquele que sempre se tinha oposto a toda e qualquer manifestação pública de louvor, aquele que se tinha ocultado quando o povo queria fazê-lo rei, deixa-se levar hoje em triunfo. Só agora, quando sabe que a morte se aproxima, aceita ser aclamado como Messias. Jesus sabe que, na realidade, é na cruz que reinará, e o mesmo povo que agora o aclama cheio de júbilo, dentro de pouco tempo o abandonará e o levará ao Calvário. Os ramos de palmeira tornar-se-ão em açoites; os ramos de oliveira, em espinhos; os “vivas”, em escárnios cruéis.

A liturgia, com a cerimónia da bênção dos ramos e com os textos da Missa – entre os quais, o relato da Paixão do Nosso Senhor –, revela-nos como estão unidos na vida de Jesus Cristo a alegria e o sofrimento, o gozo e a dor. S. Bernardo fala-nos de como se unem neste dia os risos e as lágrimas: a Igreja «apresenta-nos unidas hoje, de um modo novo e maravilhoso, a paixão e o cortejo, sendo que o cortejo está associado aos aplausos; a paixão, ao pranto»^[1].

Jesus entra em Jerusalém e os seus habitantes estendem as vestes no caminho. «“Os ramos de palmeira – escreve Santo Agostinho – são símbolo de veneração, porque significam vitória. O Senhor estava prestes a vencer, morrendo na Cruz. Iria triunfar, com o sinal da Cruz, sobre o Diabo, príncipe da morte”. Cristo é a nossa paz porque venceu»^[2]. A leitura dos

diversos momentos da Paixão faz desfilar diante de nós muitas personagens. Nessa altura, poucos suspeitavam da vitória que Cristo iria trazer. Podemos perguntar-nos ao longo desta semana em como iremos reviver estes acontecimentos: «Onde está o meu coração? Com qual destas personagens me pareço?»^[3]. Com que fé contemplo os acontecimentos capitais que a Igreja nos propõe aprofundar?

HÁ TAMBÉM no cortejo triunfal outro grande contraste: no meio do entusiasmo superficial e ruidoso, destaca-se a silenciosa figura de um burro que, fiel e obediente, leva o Senhor. «Um burrinho foi o trono de Jesus em Jerusalém. Repara – fazia-nos considerar S. Josemaria – como é bonito servir de trono ao Senhor»^[4]. O pobre animal, com o trote mais galhardo que consegue, vai pisando sedas e púrpuras, linhos e panos delicados; puseram-nos os homens para honrar a passagem do Senhor. Mas enquanto os outros oferecem objetos, o burrinho oferece-se a si mesmo: sobre os seus ásperos lombos transporta o suave peso de Jesus. A seu lado, os homens correm, agitando ramos de oliveira, de palmeira, de loureiro. Mas ninguém, nem os próprios apóstolos, está tão perto do Senhor como ele.

«Se a condição para que Jesus reinasse na minha alma, na tua alma, fosse contar previamente em nós como um lugar perfeito, teríamos razão para desesperar – comentava também o fundador do Opus Dei –. Mas não temas, filha de Sião: eis que o teu Rei vem montado num jumentinho. Vedes? Jesus contenta-se com um pobre animal por trono. Não sei o que se passa convosco, mas a mim não me humilha reconhecer-me aos olhos do Senhor como um jumento: fui diante de ti como um jumento. Porém, estarei sempre contigo: tomaste-me pela minha mão direita, tu és quem me leva pela arreata (...). Há centenas de animais mais formosos, mais hábeis e mais cruéis. Mas Cristo preferiu este para se apresentar como rei diante do povo que O aclamava, porque Jesus não sabe que fazer da astúcia calculadora, da crueldade dos corações frios, da formosura vistosa mas vã. Nosso Senhor ama a alegria de um coração moço, o passo simples, a voz sem falsete, os olhos limpos, o ouvido atento à sua palavra de carinho. E é assim que reina na alma»^[5].

Gostaríamos de ter, nesta Semana Santa que agora começa, os ouvidos muito atentos à voz de Deus. Não só os ouvidos, mas todos os sentidos. Não queremos perder nenhum gesto, nenhuma palavra, nenhum sentimento de Jesus nestes dias que dão sentido à nossa vida.

«QUE PENSAVAM, realmente, em seus corações aqueles que aclamam Cristo como Rei de Israel? Certamente tinham a sua ideia própria do Messias, uma ideia do modo como devia agir o Rei prometido pelos profetas e há muito esperado. Não é por acaso que a multidão em Jerusalém, poucos dias depois, em vez de aclamar Jesus, grita para Pilatos: «Crucifica-O!», enquanto os próprios discípulos e os outros que O tinham visto e ouvido ficam mudos e confusos. Na realidade, a maioria ficara desapontada com o modo escolhido por Jesus para Se apresentar como Messias e Rei de Israel. É precisamente aqui que se situa o ponto fulcral da festa de hoje, mesmo para nós»^[6].

A experiência dos que receberam Jesus naquele dia com ramos de palmeiras pode servir-nos para pensar qual a nossa ideia de Jesus, qual a nossa ideia do seu reinado; que pensamos sobre o seu poder e a sua graça. Pode suceder, por exemplo, que às vezes nos desiluda como a redenção se realiza, num ritmo aparentemente lento. Às vezes desejaríamos que Deus triunfasse imediatamente, confundindo os nossos planos com os Seus. Resistimos a aceitar que Deus está decidido a não comprometer a nossa liberdade ou a daqueles que nos rodeiam. O seu Amor é tão delicado que não se impõe. Não aproveita, por exemplo, a aclamação deste domingo de Ramos nem o usa em seu benefício.

Pelo contrário, «o coração de Cristo encontra-se noutra caminho, no caminho santo que só Ele e o Pai conhecem (...). Ele sabe que, para chegar ao verdadeiro triunfo, deve *dar espaço a Deus*»^[7]. Trata-se do espaço da oração silenciosa e ao mesmo tempo poderosa que faz novas todas as coisas através do amor do Filho ao Pai. Derrama e oferece esse amor chegando «até à morte, e morte de cruz» (Fl 2, 6-8). É deste modo que o Senhor reina. E neste caminho podemos contemplar a primeira e mais fiel seguidora de Jesus, a sua mãe. «Não a vereis entre as palmas de Jerusalém. Mas não foge

do desprezo do Gólgota; lá está, *iuxta crucem Iesu*, junto da cruz de Jesus»^[8]. E nós, por uma graça imerecida, junto d'Ela.

NOTAS

[1] S. Bernardo, Sermão no Domingo de Ramos, 1, 1.

[2] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 73.

[3] Francisco, Homilia, 13/04/2014.

[4] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, outubro de 1965.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 181.

[6] Bento XVI, Homilia, 01/04/2012.

[7] Francisco, Homilia, 14/04/2019.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 507.

Segunda-feira Santa

Reflexão para meditar na Segunda-feira Santa. Os temas propostos são: Maria de Betânia entrega tudo a Jesus; os nossos gestos podem encher o mundo de bom aroma; cuidar de Jesus no sacrário.

Sumário

- Maria de Betânia entrega tudo a Jesus.
- Os nossos gestos podem encher o mundo de *bom aroma*.
- Cuidar de Jesus no sacrário.

«SEIS DIAS antes da Páscoa foi a Betânia (...). Ofereceram-Lhe lá um jantar» (Jo 12, 1-2). Nessa casa, Jesus Cristo encontra-se entre os seus amigos, num ambiente cheio de carinho. Tinha estado muitas vezes em Betânia, mas agora o momento é mais solene: sabe que se dirige para Jerusalém, sabe que aí tem a cruz à sua espera. «Marta andava a servir e Lázaro era um dos que estavam à mesa com Jesus. Então Maria tomou uma libra de perfume de nardo puro, de alto preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-Lhos com os cabelos» (Jo 12, 2-3).

Já é voz corrente que as autoridades do povo perseguem Jesus Cristo. E o amor faz pressentir a Maria o drama que se avizinha. Nessas circunstâncias, deseja fazer algo de especial pelo seu Senhor, manifestar-lhe o seu amor, por isso leva a cabo com determinação um gesto generoso: toma o que de mais valioso possui, um perfume caro de nardo puro, e deita-o sobre os pés de Jesus. Quebra o frasco: tudo é para o seu Deus. Alguns dos presentes, irritados, comentam a inutilidade desse gesto. Sabemos que Judas Iscariotes se junta também ao murmúrio crítico, mas não porque se importasse com outro possível destino desses bens, mas porque essa atitude talvez contraste com a sua vida. Maria, no entanto, cala-se. Pouco lhe importam as críticas e comentários sobre a sua atuação: basta-lhe que Jesus fique agradado. E por isso o Senhor vem em sua defesa.

«Maria oferece a Jesus quanto tem de mais precioso e com um gesto de devoção profunda. O amor não calcula, não mede, não olha a despesas, não levanta barreiras, mas sabe doar com alegria, procura só o bem do outro, vence a mesquinhez, a avareza, os ressentimentos, os fechamentos que o homem por vezes leva no seu coração»^[1]. Judas uniu-se àqueles comentários porque talvez calculasse naquilo em que se não deve calcular: na nossa entrega a Deus. Maria, por seu lado, tinha compreendido que o seu coração só se sentiria repleto se entregasse tudo, embora fosse pouco, a Jesus. «uma só libra de nardo foi capaz de impregnar tudo e deixar um rasto inconfundível»^[2].

QUEM ENTREGA tudo a Deus converte-se em dom também para o próximo. Pelo contrário, quem procede a muitos cálculos quando Cristo chama, acaba por regatear também aos outros. Quando dizemos sim ao Senhor levamos aos outros «o bom odor de Cristo» (2 Cor 2, 15) e eles podem sentir-se queridos com um amor de predileção. Como sucedeu em Betânia, poderíamos dizer que «casa se encheu com o perfume do bálsamo» (Jo 12, 3). Por isso, a nossa vida, atraída e guiada pela força de Deus, pode encher o mundo de fragrância. A estes três irmãos de Betânia, cuja memória celebramos a 29 de julho, pedimos que saibamos encher a nossa vida e a das nossas famílias e amigos com a fragrância da sua casa.

Hoje, em Betânia é também anunciada a morte de Cristo. Sairá dali tanta vida – clara, formosa, forte – para todos! O Senhor convida-nos a permanecer com Ele. O Evangelho diz-nos que «os príncipes dos sacerdotes resolveram matar também Lázaro» (Jo 12, 10). Jesus pede-nos que o acompanhem como pediu a Lázaro, porque «se a nossa vontade não está disposta a morrer segundo a Paixão de Cristo, também a vida de Cristo não será vida em nós»^[3]. Mas não devemos esperar por ocasiões extraordinárias para manifestar o nosso amor a Jesus Cristo; cada um dos nossos dias é uma oportunidade nova para O servir, para Lhe oferecer a nossa vida e empregá-la ao seu serviço, para O seguir com fidelidade ao longo do seu caminho na terra.

O que teremos entre mãos serão quase sempre coisas de pouca monta, coisas de crianças, que faremos chegar, a fim de as valorizar, pelas mãos da

nossa Mãe Santa Maria. «Às vezes, sentimo-nos inclinados a fazer pequenas criancices. – São pequenas obras de maravilha diante de Deus, e, enquanto se não introduzir a rotina, essas obras são fecundas sem dúvida, como fecundo é sempre o Amor»^[4]. Dentro de dias, o perfume dessas coisas pequenas desaparecerá, mas o gesto da nossa Mãe perdurará. Ficou gravado a fogo no coração de Cristo, e esse aroma de carinho e a delicadeza acompanhá-l'O-á por toda a eternidade.

«QUE ALEGRIA contemplar Jesus em Betânia! Amigo de Lázaro, de Marta e de Maria! Vai ali reparar as forças quando está cansado. Ali tinha Jesus um lar. Ali há almas que o apreciam. Há almas que aproximam do Sacrário e, para elas, isso é Betânia. Oxalá o seja para ti! Betânia é confiança, calor de lar, intimidade. Amigos prediletos de Jesus»^[5]. Queremos que o sacrário mais próximo de nós seja um lugar em que Jesus se sinta bem como em Betânia. Entusiasmo-nos com que esteja cheio da fragrância da nossa luta, tantas vezes com mais desejos do que resultados.

Marta aparece muito discretamente na cena desta segunda-feira santa. Ela prepara a refeição, durante a qual Maria derramará o perfume nos pés de Jesus. Cuida dos convidados com carinho de irmã e de mãe. Também a casa estaria cheia do aroma daquele jantar preparado com muito empenho; talvez tenha preparado aquilo que mais agradava ao seu Amigo. Nestes momentos próximos da sua morte, para Jesus qualquer detalhe era um consolo. O nosso trabalho, o nosso sorriso, a nossa caridade com os que temos por perto, são os detalhes que ele agradece, aqueles que fazem com que o seu jugo seja mais suave e a sua carga mais leve.

Como mais uma prova da infinita caridade de Deus, o Senhor ficou realmente no sacrário para estar perto de nós. Se o amor e a fé levaram Maria a mostrar uma tal delicadeza para com o Senhor unguendo os seus pés em Betânia, também o amor e a fé podem levar-nos a nós a ter uma maior devoção à presença real de Jesus Cristo na Eucaristia. Maria não pensa que faz uma coisa extraordinária ao gastar esse perfume tão valioso para unguir o Senhor; atua com a espontaneidade do amor. Só Cristo sabe que, dentro de dias, lavará os pés aos seus apóstolos e Maria adiantou-se com esse gesto. A sua intuição feminina cativou o Mestre, que aprecia qualquer detalhe, por

mais pequeno que seja. Talvez a Virgem Maria tenha sido testemunha desse momento afetuoso. Que consolo seria para Ela, quando no meio daquilo que se avizinhava, saber que Jesus se sentia querido em sua casa!

NOTAS

[1] Bento XVI, Homilia, 29/03/2010.

[2] Francisco, Homilia, 07/05/2019.

[3] Sto. Inácio de Antioquia, *Epistola ad Magnesios*, 5, 1.

[4] S. Josemaria, *Caminho*, n. 859.

[5] S. Josemaria, Notas duma meditação, 06/11/1940.

Terça-feira Santa

Reflexão para meditar na Terça-feira Santa. Os temas propostos são: a humildade que S. Pedro aprende; perante as nossas debilidades e traições; Pedro compreende que precisa de confiar em Deus.

Sumário

- A humildade que S. Pedro aprende.
- Perante as nossas debilidades e traições.
- Pedro compreende que precisa de confiar em Deus.

«DARÁS A VIDA por Mim? Em verdade, em verdade te digo: não cantará o galo, sem que Me tenhas negado três vezes» (Jo 13, 38). O Evangelho da Missa de hoje narra-nos o anúncio das negações de S. Pedro. No ambiente íntimo da Última Ceia, este apóstolo fica surpreendido ao ver que Jesus lhe avança a sua traição. Fica assombrado. Não compreende que aquilo possa suceder. Pedro deseja ser fiel até à morte, não quer que o seu Mestre seja entregue aos seus inimigos para ser crucificado. Já fora repreendido por essa confusão, mas continua sem conseguir aceitar esse fracasso aparente. A liturgia lembra-nos que «se aproximam os dias da sua paixão salvadora e da sua ressurreição gloriosa; nelas se atualiza o seu triunfo sobre a soberba do Inimigo antigo, e celebramos o mistério da nossa redenção»^[1].

À sua maneira, S. Pedro pensa que está disposto a dar a vida pelo Senhor. De facto, puxa da espada no momento da prisão de Jesus e enfrentará um pelotão armado para prender o seu Senhor. Não lhe falta valentia nem apreço por Jesus. No entanto, a realidade vai-lhe demonstrar que não bastam essas qualidades. Pedro precisa ainda da humildade que provém do conhecimento próprio e, acima de tudo, do conhecimento de Deus. Jesus não deixa de formar S. Pedro até ao último instante. Estes ensinamentos são os mais importantes da sua vida: Pedro não vai ser rocha pela sua fortaleza mas pela humildade, ganha à base de conhecer Jesus em

profundidade. É preciso que, ao experimentar a insuficiência das suas forças, compreenda que é Deus quem o vai amparar.

O ANÚNCIO DA traição de Pedro aparece no Evangelho de hoje associado ao da traição de Judas e serve para nos darmos conta da diferença entre ambas. Pedro depõe a sua debilidade nas mãos de Jesus, afasta a vista dos seus erros e das suas forças e aprende a confiar na bondade de Deus, nos seus planos divinos, nos seus modos de atuar. Pedro não estava a enganar Jesus quando dizia que iria ser fiel até à morte. O que lhe acontecia era que confiava quase exclusivamente nas suas forças: via-se capaz disso. Judas, por seu lado, não reconheceu em nenhum momento a sua traição diante de Jesus, procurou sempre manter as aparências. A Pedro, pelo menos quando estava com Cristo, não importavam as aparências, embora tenha sucumbido a elas quando foi interrogado por uma serviçal na casa do Sumo-Sacerdote.

Para se precaver do seu desconcerto, ao pescador de Cafarnaum poderiam ter servido as palavras de Agostinho: «Procura méritos, procura justiça, procura motivos; e vê se encontras algo que não seja graça»^[2]. S. Pedro pensava que o seu amor a Jesus era já grande, suficientemente grande para suportar qualquer prova. Foi-lhe mais fácil permanecer fiel ante os soldados que ante um inimigo aparentemente mais frágil. A serviçal acabou com a confiança em si mesmo. Era-lhe necessária essa libertação. Pedro descobriu, assim, o caminho do seu abaixamento para poder seguir Cristo. Despojado das suas forças e dos seus desejos, foi capaz de se adaptar aos planos de Deus e ser fiel.

S. Bernardo, neste sentido, lembra-nos que é melhor dar atenção ao que Deus está disposto a fazer por cada um de nós, também por Pedro: «Não te perguntes a ti próprio, que és homem, o que sofreste, mas aquilo que Ele sofreu. Deduz de tudo o que sofreu por ti, em quanto te avaliou, e assim a sua bondade far-se-á para ti evidente pela sua humanidade. Quanto mais pequeno se fez na sua humanidade, tanto maior se revelou na sua bondade; e quanto mais se deixou envilecer, por mim, tanto mais amado é por mim agora»^[3].

«MUITAS VEZES pensamos que Deus se apoia na parte boa e vencedora de nós, quando na realidade a maioria dos seus desígnios se realiza através e apesar da nossa debilidade (...). O demónio faz-nos olhar para a nossa fragilidade com um juízo negativo, enquanto que o Espírito a olha com ternura. A ternura é o melhor modo de tocar o que é frágil em nós (...). Ter fé em Deus leva também a acreditar que Ele pode atuar, inclusivamente através dos nossos medos, das nossas fragilidades, da nossa debilidade. E ensina-nos que, no meio das tormentas da vida, não devemos ter medo de ceder a Deus o leme do nosso barco. Por vezes, desejaríamos ter tudo sob o nosso controlo, mas Ele tem sempre um olhar mais abrangente»^[4].

Enche-nos de paz saber que Deus deseja que confiemos nele e no bem que há em nós, que é também dom de Deus. S. Pedro foi em frente para ser nisto também um exemplo para nós. Enche-nos de serenidade descobrir que podemos apoiar-nos nas nossas forças e capacidades, muitas ou poucas, porque Deus dará o incremento em abundância. Que vontade nos virá de aprender a não confiar apenas nas nossas aptidões para a missão que nos foi confiada e que, de algum modo, está acima das nossas forças! Ficamos assombrados e cheios de agradecimento pelo amor que Deus nos tem para fazer maravilhas com a nossa colaboração.

Sta. Teresinha do Menino Jesus referia-se à vida de Pedro do seguinte modo: «Compreendo muito bem a queda de S. Pedro. O pobre S. Pedro confiava em si mesmo, em vez de confiar unicamente na força de Deus (...). Estou convencida de que se S. Pedro tivesse dito humildemente a Jesus: “Concede-me a força para te seguir até à morte”, tê-la-ia obtido imediatamente (...). Antes de governar toda a Igreja, que está cheia de pecadores, era-lhe conveniente experimentar na sua própria carne o pouco que pode o homem fazer sem a ajuda de Deus»^[5]. Com esta aprendizagem, S. Pedro saberá colocar ao serviço da Redenção as suas capacidades – que, embora emprestadas, são um auxílio precioso- e recorrer ao seu Senhor que tudo pode. «Por isso – S. Josemaria advertia – quando com o coração em brasa dizemos que sim a Nosso Senhor, que lhe seremos fiéis, que estamos dispostos a qualquer sacrifício, dir-lhe-emos: Jesus, com a tua graça, minha Mãe com a tua ajuda. Sou frágil, cometo tantos erros, tantas pequenas faltas, que me vejo capaz, se me deixares, de os cometer enormes!»^[6].

NOTAS

[1] Prefácio II da Paixão. Utiliza-se na segunda, terça e quarta-feira da Semana Santa.

[2] Sto. Agostinho, Sermão 185.

[3] S. Bernardo, *Semão I na Epifania do Senhor*, 1-2.

[4] Francisco, *Patris corde*, n. 2.

[5] Sta. Teresinha do Menino Jesus, *Últimas Conversas*, 07/08/1897.

[6] S. Josemaria, *Cartas* 2, n. 32b.

Quarta-feira Santa

Reflexão para meditar na Quarta-feira Santa. Os temas propostos são: Judas foi um apóstolo escolhido por Jesus; a misericórdia divina é maior que a nossa debilidade; uma esperança que nos leva a regressar a Deus.

Sumário

- Judas foi um apóstolo escolhido por Jesus.
- A misericórdia divina é maior que a nossa debilidade.
- Uma esperança que nos leva a regressar a Deus.

«UM DOS DOZE, chamado Iscariotes, foi ter com os príncipes dos sacerdotes e disse-lhes: “Que estais dispostos a dar-me para vos entregar Jesus?”. Eles garantiram-lhe trinta moedas de prata. A partir de então, Judas procurava uma oportunidade para O entregar» (Mt 26, 14-16). Tradicionalmente, na Quarta-feira Santa, a Igreja lembra a traição de Judas. Que longe ficam na alma deste apóstolo, que se apresta a atraiçoar Jesus, os primeiros encontros com aquele que tinha considerado como o Messias! Também Judas Iscariotes tinha sido escolhido pessoalmente por Cristo. Podia ter sido tão feliz como os outros, junto de Jesus, e ter-se convertido numa das colunas da Igreja. No entanto, opta por vender, a preço de escravo, quem lhe oferecia tudo. E Deus quis que a Sagrada Escritura não ocultasse esta realidade.

O trágico desenlace dá-se na Última Ceia, quando Jesus se vê assaltado pela angústia da paixão que se avizinha e a mágoa do abandono das pessoas amadas. «Enquanto comiam, declarou: “Em verdade, em verdade vos digo: um de vós Me entregará”» (Mt 16, 21). Os outros onze apóstolos, com a experiência da sua rudeza e uma grande confiança nas palavras de Cristo, exclamam surpreendidos. «“Serei eu, Senhor?”. Jesus respondeu: “Aquele que meteu comigo a mão no prato, é esse que vai entregar-Me. O Filho do homem vai partir, como está escrito acerca d’Ele. Mas ai daquele por quem o Filho do homem vai ser entregue! Melhor seria para esse homem não ter

nascido”. Judas, que O ia entregar, tomou a palavra e perguntou: “Serei eu, Mestre?”. Respondeu Jesus: “Tu o disseste”» (Mt 16, 22-25).

Não sabemos se Judas voltou, alguma outra vez, a estar, olhos nos olhos, com Jesus. Neles teria visto que não existia nem rancor nem desgosto. Cristo, seu amigo, continuava a olhar para ele com o mesmo carinho com que o tinha chamado uns anos antes para ser apóstolo, para estar com Ele. «Que podemos fazer perante um Deus que nos serviu ao ponto de experimentar a traição e o abandono? Podemos não atraiçoar aquilo para que fomos criados, não abandonar o que mais importa. Estamos no mundo para o amar e amar os outros. O resto passa, o amor permanece»^[1].

A TRAIÇÃO de Judas não foi, no entanto, uma loucura de um instante, mas provavelmente consequência de uma escalada de desamores. No Evangelho segundo S. João encontramos um episódio significativo: as críticas, poucos dias antes da Páscoa, pelo desperdício de Maria de Betânia ao ungir Jesus com perfume. Judas atreveu-se a criticar indiretamente, com uma razão altruísta, o comportamento dessa mulher, mas «disse isto – diz-nos a Escritura – não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, como tinha a bolsa, tirava o que deitavam nela» (Jo 12, 6).

Contudo, nem esta ofensa, nem debilidade alguma, são suficientemente fortes para vencer a firmeza de Deus que chama cada pessoa constantemente e que sempre espera o nosso regresso. S. Josemaria via nesse modo de ser de Deus, tão cheio de misericórdia, a nossa verdadeira “*armadura*”: «Todos temos misérias. Mas as nossas misérias não nos deverão levar nunca a esquecer o chamamento divino, mas sim a acolhermo-nos a esse chamamento, a metermo-nos nessa bondade divina, como os guerreiros antigos se metiam dentro da sua armadura»^[2].

Sto. Agostinho aconselha uma atitude humilde, de petição constante diante do Senhor, como o melhor modo de encarar esta nossa fragilidade; ao referir-se concretamente a Judas Iscariotes, diz: «Se tivesse orado em nome de Cristo, teria pedido perdão, se tivesse pedido perdão, teria tido esperança, se tivesse tido esperança, teria esperado misericórdia»^[3] e não

teria terminado como refere a Sagrada Escritura (cf. Mt 27, 5). Nosso Senhor não queria a perdição de Judas, como não quer a de ninguém. Até no próprio ato de o prender, Jesus procura fazer com que caia em si, chamando-o «amigo» e aceitando o beijo do discípulo. Talvez Cristo, até quando já se encontrava na cruz, esperasse o regresso do seu apóstolo para o perdoar, como fez com o ladrão arrependido.

TAMBÉM PEDRO, naquela noite de traições, nega três vezes o Senhor. Ele que viria a ser o fundamento da Igreja, chorou o seu pecado. Pedro manteve firme a esperança, enquanto que o Iscariotes a perdeu, não confiou na misericórdia do Senhor.

Comentando este texto do Evangelho, S. Josemaria dizia: «Olhai como é grande a virtude da esperança! Judas reconheceu a santidade de Cristo, estava arrependido do crime que cometera, tanto que pegou no dinheiro do preço da sua traição, e o lançou à cara daqueles que lho tinham dado como prémio da sua traição. Mas... faltou-lhe a esperança, que é a virtude necessária para voltar a Deus. Se tivesse tido esperança, podia ter sido um grande apóstolo. Em todo o caso, não sabemos o que se passou no coração daquele homem, nem se correspondeu à graça de Deus, no último momento. Só Nosso Senhor sabe o que sucedeu naquele coração, nos últimos instantes. De modo que nunca desconfieis, nunca desespereis, mesmo que tivésseis praticado uma asneira de todo o tamanho. Não se fala mais nisso; arrepender-se, deixar-se levar pela mão, e tudo se recompõe»^[4].

É algo que podemos aprender do Evangelho de hoje: por grandes que sejam as nossas ofensas, a misericórdia de Deus é sempre maior. Tudo tem remédio se regressarmos ao Senhor e abrirmos o coração à graça para que Cristo nos possa sarar as nossas feridas. «O medo e a vingança, que não nos deixam ser sinceros, são os inimigos maiores da perseverança. Somos de barro, mas, se falarmos, o barro adquire a fortaleza do bronze»^[5]. Foi esta a força que conseguiu a humildade de S. Pedro, rocha da Igreja; e é essa que pedimos a Jesus por intermédio de Maria, sua Mãe e Mãe nossa.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 05/04/2020.

[2] S. Josemaria, *Cartas 2*, n. 47a.

[3] Sto. Agostinho, *Comentário ao salmo 108*, n. 9.

[4] S. Josemaria, Apontamentos da pregação, 08/12/1968.

[5] S. Josemaria, *Cartas 2*, n. 41a.

Quinta-feira Santa

Reflexão para meditar na Quinta-feira Santa. Os temas propostos são: Jesus lava os pés aos Apóstolos; Deus dá-se-nos na Eucaristia; atitude agradecida pela Eucaristia e pelo sacerdócio.

Sumário

- Jesus lava os pés aos Apóstolos.
- Deus dá-se-nos na Eucaristia.
- Atitude agradecida pela Eucaristia e pelo sacerdócio.

«ANTES DA FESTA da Páscoa, Jesus, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim» (Jo 13, 1). «Algo de importante acontecerá nesse dia. É um preâmbulo terno e afetuoso. Devemos começar – sugere-nos S. Josemaria – desde já por pedir ao Espírito Santo que nos prepare de forma a podermos compreender todas as expressões e todos os gestos de Jesus Cristo»^[1]. Esta atitude atenta faz com que hoje recordemos o gesto eloquente que teve Jesus ao lavar os pés aos seus apóstolos.

Na Última Ceia, na iminência da Paixão, o ambiente era de amor, de intimidade, de recolhimento. «Jesus, sabendo que o Pai Lhe tinha dado toda a autoridade, sabendo que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-Se da mesa, tirou o manto e tomou uma toalha que pôs à cintura. Depois, deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que pusera à cintura» (Jo 13, 3-5). Para os apóstolos deve ter sido muito impactante ver Jesus realizar esse gesto que era reservado ao servo do local. Certamente tê-lo-ão compreendido com o passar do tempo. Até hoje nos poderá parecer surpreendente imaginar Deus nessa posição, limpando com as suas próprias mãos o pó do caminho.

Deixar-nos lavar os pés por Cristo implica reconhecer que não somos nós que nos tornamos puros, limpos ou santos. «E isto é difícil de entender.

Se não deixar que o Senhor seja meu servo, que o Senhor me lave, me faça crescer, me perdoe, não entrarei no reino dos Céus (...). Deus salvou-nos servindo-nos. Normalmente pensamos que somos nós que servimos a Deus. Não, é Ele quem nos serviu gratuitamente, porque nos amou primeiro. É difícil amar sem ser amados, e é ainda mais difícil servir se não deixamos que Deus nos sirva»^[2]. É este o paradoxo cristão: é Deus que se adianta; é Ele quem toma a iniciativa. Por isso é tão importante, antes de empreender uma tarefa apostólica, aprender a receber o que Deus nos quer dar, aprender a deixar-nos limpar com a sua mão, uma vez e outra.

SE NUNCA deixaremos de nos surpreender com aquele gesto de Jesus lavando os pés aos seus apóstolos, o seu amor e a sua humildade atingem alturas infinitas quando, durante a ceia, «tomou o pão, e dando graças, o partiu e disse: “Isto é o meu corpo que será entregue por vós; fazei isto em memória de mim”. Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice e disse: “Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em memória de mim”» (1Co 11, 23-25).

O Senhor «instituiu este sacramento como memorial perpétuo da sua Paixão, como realização das antigas figuras, como o maior milagre que tinha feito e o maior consolo para aqueles que deixaria tristes com a sua ausência»^[3]. Dá-se-nos Ele próprio: convertido em pão e em vinho para nós, é ao mesmo tempo uma mostra de sobreabundância de amor e a maior expressão que podemos conceber de humildade. O Sacramento Eucarístico permite-nos a identificação com o amado, ser uma mesma coisa, fundirmo-nos, compenetrarmo-nos com Deus. S. Josemaria dizia «Nosso Senhor Jesus Cristo, como se já não fossem suficientes todas as outras provas da sua misericórdia, institui a Eucaristia para que possamos tê-lo sempre perto de nós e porque – tanto quanto nos é possível entender – movido pelo seu Amor, Ele, que de nada necessita, não quis prescindir de nós. A Trindade apaixonou-se pelo homem»^[4].

Não saímos do nosso assombro. Por muito que imaginemos tudo o que o Deus nos ofereceu, nunca acabaremos por o compreender: «É remédio de imortalidade, antídoto para não morrer, remédio para viver em Cristo para sempre»^[5]. Não merecemos tanto cuidado, tanto carinho, tanta atenção.

Procuramos corresponder, mas até para isso precisamos da sua ajuda. Por isso, «no começo não estão as nossas ações, a nossa capacidade moral. O Cristianismo é, antes de tudo, dom: Deus doa-se a nós, não dá algo, mas doa-se a si mesmo (...). Por isso a ação principal do ser cristão é a Eucaristia: a gratidão por termos sido gratificados, a alegria pela vida nova que Ele nos dá»^[6].

NAS PALAVRAS do sacerdote antes da consagração – «dando graças, abençoou-o e deu-o aos seus discípulos...» – damos conta da disposição agradecida do coração de Jesus face a Deus Pai. Nós queremos ter a mesma atitude de Cristo nesta véspera santa. É fácil que brote do agradecimento a generosidade para difundir essa vida nova que recebemos. Procuraremos amar os que Ele ama e como Ele os ama: «Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Assim como Eu vos amei, amai-vos uns aos outros» (Jo 13, 24). Por Cristo, com Ele, e n'Ele, somos capazes de amar até ao extremo. Como Jesus, ajoelhamo-nos diante dos homens para lhes limparmos os pés. Compreendemos as suas misérias e carregamo-las aos nossos ombros.

Desaparecem os juízos, as invejas e comparações, os quais se transformam em intercessão, alegria e agradecimento a Deus pelas maravilhas que faz nos outros: «Na santíssima Eucaristia está contido todo o bem espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo, o qual, por sua carne sob a ação do Espírito Santo, dá vida aos homens»^[7]. Daí tiramos força e vida para a levar até aos últimos confins da terra, até ao coração de cada pessoa que nos rodeia.

Podemos aproveitar este dia em que Deus ofereceu à sua Igreja este sacramento para rezar pela santidade dos sacerdotes a fim de que sirvam em cada dia a Igreja com o mesmo amor de Nosso Senhor. Com a nossa oração podemos ajudá-los a tornar realidade este desejo que os move como sacerdotes: «Não fomos nós que escolhemos o que fazer, mas somos servidores de Cristo na Igreja, e trabalhamos como a Igreja nos diz, onde a Igreja nos chama, e procuramos ser precisamente assim: servidores que não fazem a sua vontade, mas a vontade do Senhor. Na Igreja somos na realidade embaixadores de Cristo e servidores do Evangelho»^[8].

Entre tantos dons que hoje recordamos, sabemos que Jesus nos deu também a sua Mãe. A Ela, como testemunha principal do sacrifício de Cristo, podemos recorrer para, com a sua ajuda, ter uma vida animada pelo agradecimento humilde por tantos dons recebidos.

NOTAS

- [1] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 83.
- [2] Francisco, Homilia, 05/04/2020.
- [3] S. Tomás de Aquino, *Opúsculo 57*, na festa do Corpo de Deus, lect. 1-4.
- [4] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 84.
- [5] Sto. Inácio de Antioquia, *Epístola aos Efésios*, 90.
- [6] Bento XVI, Homilia, 20/03/2008.
- [7] Concílio Vaticano II, *Presbyterorum ordinis*, n. 5.
- [8] Bento XVI, *Lectio divina*, 10/03/2011.

Sexta-feira Santa

Reflexão para meditar na Sexta-feira Santa. Os temas propostos são: a Paixão de Jesus é por amor a nós; acompanhar Cristo na sua agonia; na cruz encontramos o nosso refúgio e a nossa salvação.

Sumário

- A Paixão de Jesus é por amor a nós.
- Acompanhar Cristo na sua agonia.
- Na cruz encontramos o nosso refúgio e a nossa salvação.

«MEU DEUS, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mt 27, 46). «Jesus experimentou o abandono total, a situação mais estranha para Ele, a fim de ser em tudo solidário connosco. Fê-lo por mim, por ti, por todos nós; fê-lo para nos dizer: “Não temas! Não estás sozinho. Experimentei toda a tua desolação para estar sempre ao teu lado”»^[1]. Cristo aflige-se com o sofrimento que, fruto do pecado, os homens e mulheres de todas as épocas experimentam: «Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos» (Lc 23, 28).

Não há dor que faça desistir Cristo do seu propósito de nos salvar. «Os seus braços cravados abrem-se a cada ser humano e convidam-nos a aproximar-nos dele com a certeza de que nos vai acolher e abraçar com infinita ternura»^[2]. A liturgia de Sexta-feira Santa começa com o sacerdote prostrado em terra. É a posição de Jesus no Horto das Oliveiras. Caíam-lhe em cima todos os pecados dos homens, todas as suas dores e a sua solidão, os nossos também, e assim se dirige a Deus Pai para conseguir d’Ele a força para enfrentar esse momento decisivo.

Jesus veio à terra para reparar o mal que nos infligimos a nós próprios e aos outros. Quer devolver-nos a liberdade e a alegria. O seu empenho por nós não tem limites, pois o seu «jugo é suave e a sua carga leve» (Mt 11, 30). Os nossos pecados não têm a última palavra se deixarmos que Jesus

fale, se lhe deixarmos dizer que nos ama e que não nos censura por tão grande sofrimento. Hoje recordamos que «Jesus caiu para que nós nos levantemos: uma vez e sempre»^[3].

UM DOS MOTIVOS do pecado é pensar, falsamente, que a vontade de Deus é um risco para a nossa liberdade. Aconteceu isso, por exemplo, com Adão, o nosso primeiro pai. No entanto, a vontade de Deus é que sejamos felizes, que nos deixemos amar por Ele. «Só somos livres, se permanecermos na nossa verdade, se estivermos unidos a Deus. Então tornamo-nos verdadeiramente “como Deus”; mas não opondo-nos a Deus, desfazendo-nos d’Ele ou negando-O. Na luta da oração no Horto das Oliveiras, Jesus desfez a falsa contradição entre obediência e liberdade, e abriu o caminho para a liberdade. Peçamos ao Senhor que nos introduza neste “sim” à vontade de Deus, tornando-nos deste modo verdadeiramente livres»^[4].

Quanto teremos de agradecer ao Senhor o seu sacrifício, aceite voluntariamente, para nos livrar da morte! Jesus entra em agonia e chega a suar sangue; mas a confiança no seu Pai não esmorece, faz oração uma vez e outra. «Aproxima-Se de nós, que dormimos: Levantai-vos, orai – repetem-nos –, para não cairdes em tentação»^[5]. Horas depois, a fúria dos pecados de toda a humanidade descarrega os seus golpes sobre o corpo inocente de Jesus. A ingratidão dos nossos corações envolve o Senhor na sua solidão. «Tu e eu não podemos falar. – Não há necessidade de palavras. – Olha para Ele, olha para Ele... devagar»^[6]. «Às vezes parece-nos que Deus não responde ao mal, que permanece em silêncio. Na realidade Deus falou, respondeu, e a sua resposta é a Cruz de Cristo: uma palavra que é amor, misericórdia, perdão. E também juízo: Deus julga-nos amando-nos. Lembremo-nos disto: Deus: Deus julga-nos amando-nos, se acolho o seu amor estou salvo, se o afasto, condeno-me, não por Ele, mas por mim próprio, porque Deus não condena. Ele só ama e salva»^[7].

AS CHAGAS do Senhor, por onde fluiu a rodos o seu sangue preciosíssimo, serão refúgio sereno para as nossas feridas. Nas chagas de Cristo estamos mais seguros. Impregnados do seu sangue redentor, ébrios

de Deus, nada temos a temer. «Quando admiramos e amamos deveras a Santíssima Humanidade de Jesus, descobrimos, uma a uma, as suas Chagas (...). Sentiremos necessidade de nos meter dentro de cada uma daquelas Feridas Santíssimas: para nos purificarmos, para nos enchermos de alegria com esse Sangue redentor, para nos fortalecermos. Recorreremos a elas como as pombas que, no dizer da Escritura, se escondem nos buracos das rochas na hora da tempestade. Escondemo-nos nesse refúgio, para encontrar a intimidade de Cristo»^[8].

E, nessa contemplação, é fácil saborear a intensa ternura com que canta hoje a Igreja: «Doce lenho, doces cravos: doce peso sustentais»^[9]. É «o sinal luminoso do amor, mais ainda, da imensidade do amor de Deus, daquilo que nunca ousaríamos pedir, imaginar ou esperar: Deus inclinou-se para nós, abaixou-se até chegar ao recôndito mais escuro da nossa vida para nos estender a mão e erguer-nos até Ele»^[10]. É esta a verdade de Sexta-feira Santa: na cruz, Cristo, nosso redentor, devolveu-nos a dignidade que nos é própria. Inflamam-se os nossos desejos de nos pregarmos na cruz de bom grado, de nos associarmos à sua redenção, fazendo com que a nossa debilidade seja purificada com o sangue que brota do corpo de Jesus.

Ao terminar este tempo de oração, o nosso olhar dirige-se para o pé da cruz onde se encontra a Mãe dolorosa acompanhada por algumas mulheres e um adolescente. Quem passou por esse transe sabe que não há dor que se possa comparar esta. Cristo, naqueles momentos, precisava d'Ela junto de Si e nós precisamos ainda mais.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 05/04/2020.

[2] Bento XVI, Palavras no final da Via Sacra, 21/03/2008.

[3] S. Josemaria, Via Sacra, III estação.

[4] Bento XVI, Homilia, 05/04/2012.

[5] S. Josemaria, *Santo Rosário*, n. 6.

[6] S. Josemaria, *Santo Rosário*, n. 7.

[7] Francisco, Palavras no final da Via Sacra, 29/03/2014.

[8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 302.

[9] Adoração da Cruz, Hino *Crux fidelis*.

[10] Bento XVI, Palavras no final da Via sacra, 22/04/2011.

Sábado Santo

Reflexão para meditar no Sábado Santo. Os temas propostos são: a esperança ilumina o Sábado Santo; as personagens que acompanham Cristo no abandono; Maria consola-nos e fortalece-nos em momentos difíceis.

Sumário

- A esperança ilumina o Sábado Santo.
- As personagens que acompanham Cristo no abandono.
- Maria consola-nos e fortalece-nos em momentos difíceis.

PODE ACONTECER-NOS que o Sábado Santo seja «o dia do Tríduo Pascal que mais descuidamos, ansiosos por passar da Sexta-feira Santa ao Aleluia do domingo»^[1]. Para que isto nos não aconteça, podemos olhar para as mulheres que acompanharam a Virgem Maria em todos os momentos. «Para elas como para nós era a hora mais obscura. Mas nessa situação as mulheres não ficaram paralisadas, não cederam às forças ocultas da lamentação e do remorso, não se encerraram no pessimismo, não fugiram à realidade. Remeteram-se ao simples e extraordinário: preparam as suas casas, os perfumes para o corpo de Jesus. Sem o saber, essas mulheres preparavam na escuridão daquele sábado o amanhecer do “primeiro dia da semana”, o dia que mudaria a História»^[2].

Jesus Cristo jaz hoje no sepulcro. Mãos amigas colocaram-no naquele local, propriedade de José de Arimateia, perto do Calvário. Onde estão os apóstolos? Os Evangelhos nada nos dizem, mas talvez, ao entardecer daquele sábado, tenham chegado, um a um, ao Cenáculo, onde dias antes se tinham reunido com o Mestre. Quanto desânimo nas suas conversas. Tinham traído Jesus. Até que ponto terá chegado o desalento que não terá faltado talvez a ideia de tudo abandonar e voltar às coisas do passado como se os últimos três anos tivessem sido apenas um sonho. Contudo, «no silêncio que envolve o Sábado Santo, embargados pelo amor ilimitado de

Deus vivemos na espera da alvorada do triunfo do amor de Deus, a alvorada da luz que permite aos olhos do coração ver de modo novo a vida, as dificuldades, o sofrimento. A esperança ilumina os nossos fracassos, as nossas desilusões, as nossas amarguras que parecem marcar a derrocada de tudo»^[3].

PASSA-SE ALGO de diferente com as santas mulheres: foram fiéis até ao último momento. Observaram atentamente como tudo tinha ficado, para, depois do repouso sabático, poderem voltar e terminar de embalsamar o corpo de Jesus. É explicável o desalento de uns e de outros: ainda não eram testemunhas, nem os apóstolos nem elas, da ressurreição de Jesus. Apesar de tudo, não querem deixar de prestar esses cuidados. O seu carinho é mais forte que a morte. Por outro lado, também gostaríamos de ser tão valentes como José de Arimateia e como Nicodemos que «na hora da solidão, do abandono total e do desprezo... dão a cara (...). Eu subirei com eles – dizia S. Josemaria – ao pé da Cruz, apertar-me-ei ao Corpo frio, cadáver de Cristo, com o fogo do meu amor..., despregá-l'O-ei com os meus desagravos e mortificações..., envolvê-l'O-ei com o lençol novo da minha vida limpa e enterrá-l'O-ei no meu peito de rocha viva, de onde ninguém m'O poderá arrancar»^[4]. Quando quase ninguém espera nada de Cristo, todas estas personagens da Escritura não encolheram os ombros. Não têm nada a ganhar, podem perder tudo, mas querem também oferecer o seu carinho a Jesus.

Por outro lado, o Sábado Santo não deve ter sido para Maria um dia triste, se bem que doloroso. A fé, a esperança e o amor mais terno pelo seu divino Filho dar-lhe-iam a paz, fá-la-iam aguardar com uma ânsia serena a ressurreição. Lembrar-se-ia, entretanto, das últimas palavras de Jesus: «Mulher, eis aí o teu filho» (Jo 19, 26); começaria a exercer a sua maternidade com aqueles homens e aquelas mulheres que tinham seguido Cristo desde os primeiros tempos. Maria procuraria reanimar a fé e a esperança dos apóstolos, recordando-lhes as palavras que pouco tempo antes tinham ouvido da boca do Senhor: «E hão de escarnecê-lo, cuspir sobre Ele, açoitá-lo e matá-lo. Mas, três dias depois, ressuscitará» (Mc 10, 34). O Senhor tinha falado bem claro para que, quando chegassem os momentos de dificuldade, soubessem agarrar-se com fé às suas palavras.

Junto com a lembrança dolorosa dos sofrimentos padecidos por Jesus Cristo, um alívio grande iria apoderar-se do seu coração de mãe ao pensar que tudo já tinha passado: «Agora consumou-se tudo. Cumpriu-se a obra da nossa Redenção. Já somos filhos de Deus, porque Jesus morreu por nós e a Sua morte resgatou-nos»^[5].

JUNTO DA VIRGEM MARIA, à luz da sua esperança, iriam acender-se os corações de cada um. «E se tudo aquilo fosse verdade?», pensavam talvez os apóstolos. «E se na verdade Jesus Cristo tivesse ressuscitado, como tinha prometido?». Como noutros tempos tinham estado todos juntos em volta do Filho, agora gostariam de estar perto da sua Mãe. Certamente Maria disse a uns e a outros que fossem procurar os que talvez não tivessem aparecido logo. É possível que ela esperasse encontrar Tomé a fim de consolar o seu coração atemorizado. No momento da prova souberam ir ter com Maria, «e com Ela, que fácil!»^[6].

Queremos apoiar a nossa fé na sua: sobretudo quando as coisas custam, quando chegam as dificuldades e os momentos de obscuridade. S. Bernardo tinha-o bem experimentado: «Se se levantarem os ventos das tentações, se tropeçares nos escolhos das tribulações, olha para a Estrela, chama Maria»^[7]. Deus quer que Ela seja para nós advogada, mãe, caminho seguro para encontrar outra vez a luz nos momentos de escuridão.

Quem recorre à poderosa intercessão de Santa Maria sabe que nunca se ouviu que quem confiou na Virgem Maria, se sentisse desamparado, por mais que o momento fosse duro e grande a confusão da sua alma. Podemos dizer a Jesus «E, seja qual for a tristeza que habite em nós, sentiremos o dever de esperar, porque convosco a cruz desagua na ressurreição, porque Vós estais connosco na escuridão das nossas noites: sois a certeza nas nossas incertezas, Palavra nos nossos silêncios e nada poderá jamais roubar-nos o amor que nutris por nós»^[8]. Junto de Maria, Mãe da esperança, voltará a crescer em nós a nossa fé nos méritos do seu Filho Jesus.

NOTAS

[1] Francisco, Homilia, 11/04/2020.

[2] *Ibid.*

[3] Bento XVI, Palavras no final da Via Sacra, 02/04/2010.

[4] S. Josemaria, Via Sacra, XIV estação, n. 1.

[5] S. Josemaria, *Via Sacra*, XIV estação.

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 513.

[7] S. Bernardo, *Homiliae super «Missus est»*, 2, 17.

[8] Francisco, Homilia, 11/04/2020.

Domingo de Páscoa

Reflexão para meditar na Solenidade do Domingo de Páscoa da Ressurreição do Senhor. Os temas propostos são: a Ressurreição reacende a vida das santas mulheres; Pedro e João correm para o sepulcro; na alegria da Ressurreição com Santa Maria.

Sumário

- A Ressurreição reacende a vida das santas mulheres.
- Pedro e João correm para o sepulcro.
- Na alegria da Ressurreição com Santa Maria.

AMANHECE em Jerusalém. A escuridão enchia tudo, até que o sol começou a iluminar as muralhas, o Templo, as torres da fortaleza... Maria Madalena e outras mulheres caminham em direção ao noroeste da cidade, onde fica o Calvário. As ruas estão vazias. Têm a impressão de que a morte de Jesus escureceu a terra para sempre: o sol já não brilhará como quando o seu mestre estava com elas. No entanto, não se preocupam com a falta de luz, nem com a guarda ali colocada pelo Sinédrio, nem com o facto de Cristo já estar morto há três dias. Não sabem quem lhes vai tirar a pedra que fecha o túmulo, mas não estão dispostas a ficar em casa. Caminham de novo pelos lugares por onde Jesus passou; os seus corações voltam a estremecer, mas não cedem ao medo.

«A fé destas mulheres comove-me – dizia S. Josemaria – e isso traz-me à memória tantas coisas boas da minha mãe, tal como também recordareis muitas coisas maravilhosas sobre a vossa (...). Aquelas mulheres sabiam que estavam lá os soldados, sabiam que o túmulo estava completamente fechado. Mas gastam o seu dinheiro e ao amanhecer vão ungir o corpo do Senhor (...) É preciso ser corajosas! (...). Quando chegaram ao sepulcro, repararam que a pedra estava afastada. Isto acontece sempre. Quando decidimos fazer o que temos de fazer, as dificuldades são facilmente ultrapassadas»^[1].

Pedimos-lhes esse amor por Jesus, mais forte do que o tremendo sofrimento da Paixão. No coração daquelas mulheres, o fogo aceso pelo próprio Cristo não tinha sido totalmente apagado. Tinham madrugado e não foi em vão. Deus não pode resistir a um tal amor e dá-lhes a melhor notícia, a página definitiva em que todas as profecias se cumprem: «“Ressuscitei e agora estou sempre contigo”, diz a cada um de nós. A minha mão sustenta-te. Onde quer que caias, cairás nas minhas mãos. Estou presente mesmo no momento da morte. Onde já ninguém te pode acompanhar e para onde não podes levar nada, ali, espero-te e por ti transformo as trevas em luz»^[2].

CORREM ALEGRES para o Cenáculo, embora ainda um pouco confusas, para contar aos apóstolos o que viram. O que ouvem dos lábios destas mulheres, que chegam ofegantes pela corrida, parece-lhes uma loucura. Devido à tensão do momento, as suas palavras estão misturadas com lágrimas e expressões de alegria. Pedro e João querem saber tudo sobre o seu Mestre. Embora não tenham ficado convencidos pelo que acabam de ouvir, partem a correr: «Os dois corriam juntos, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro» (Jo 12, 4). Queremos correr com eles e até mais depressa que João. E se for verdade o que as mulheres dizem? E se Jesus cumpriu o que tinha prometido? Ao atravessar as ruas, à medida que o dia começa, a esperança cresce no coração destes dois apóstolos.

Podemos fixar o nosso olhar, por um momento, em S. Pedro, que «não ficou sentado a pensar, não ficou fechado em casa como os outros. Não se deixou abater pelo ambiente pesado daqueles dias, nem aliciar pelas suas dúvidas; não se deixou absorver pelos remorsos, pelo medo nem pelos inúmeros boatos que não levam a nada. Procurou Jesus; não a si mesmo. (...) Isto foi o início da “ressurreição” de Pedro, a ressurreição do seu coração. Sem ceder à tristeza nem à escuridão, deu espaço à voz da esperança: deixou que a luz de Deus entrasse no seu coração, sem a sufocar»^[3].

Apesar de que alguma vez, como Pedro, tenhamos negado Jesus, também como Pedro queremos voltar a estar perto d’Ele: «É tempo de nos renovarmos, meus filhos. – dizia S. Josemaria –; a santidade é isto: renascer

cada dia, recomeçar todos os dias. Não vos preocupem os vossos erros, se tiverdes a vontade de recomeçar (...). Esses obstáculos que surgem no teu caminho, coloca-os aos pés de Jesus Cristo, para que fique bem alto, para que triunfe: e tu, com ele. Nunca te preocupes, retifica, começa de novo, tenta uma e outra vez e, no final, se não puderes, o Senhor ajudar-te-á a saltar a barreira, a barreira da santidade. Esta é também uma forma de renovação, uma forma de vencer: cada dia uma ressurreição, que seja a certeza de que chegaremos ao fim do nosso caminho, que é o amor»^[4].

MARIA, A MÃE de Jesus, não foi ao túmulo nesta manhã. Ficou em casa e, talvez, sorria por dentro. Ninguém, exceto ela, conseguiu realmente aceitar o plano de Deus Pai. Os outros «ainda não tinham compreendido a Escritura, segundo a qual ele devia ressuscitar dos mortos» (Jo 12, 10). Maria costumava guardar no coração as palavras de Jesus. Desde aquela sexta-feira de dor, procurava concentrar-se nas maravilhas que Jesus tinha dito e feito. É possível que aquelas palavras misteriosas sobre a ressurreição ao terceiro dia viessem ao seu coração. Da parte do seu Filho, já nada a surpreendia.

Para nós, mais de dois mil anos após os acontecimentos que estamos a contemplar, a Sexta-feira Santa e a ressurreição de Jesus continuam a dar força e sentido às nossas vidas. Por isso, «todas as coisas da terra têm a importância que queiramos dar-lhes. Tudo o que acontecer aqui em baixo, se estamos metidos em Deus, não nos perturbará. Quando, por causa da nossa fraqueza e dos nossos erros, damos importância a essas minúcias e sofremos, é porque queremos. Junto do Senhor, estamos seguros. Unidos à Cruz de Cristo, à glória da Ressurreição e ao fogo de Pentecostes, tudo se supera»^[5].

S. Josemaria gostava de se sentir muito próximo de Nossa Senhora, especialmente durante a alegria pascal, «sempre seguros na vitória da Ressurreição»^[6]. Ao rezar o *Regina Cæli*, poderemos arrancar muitos sorrisos de nossa Mãe, santamente orgulhosa dos seus filhos *recém-nascidos*, renovados pela Páscoa. «Alegrai-vos, ó Virgem Maria», dir-lhe-emos com a esperança de nos juntarmos a essa alegria, sabendo que Jesus permanece connosco para sempre.

NOTAS

[1] S. Josemaria, Meditação, 29/03/1959.

[2] Bento XVI, Homilia, 07/04/2007.

[3] Francisco, Homilia, 26/03/2016.

[4] S. Josemaria, Meditação, 29/03/1959.

[5] *Ibid.*

[6] *Ibid.*